



Cinara Ferreira
Andrei Cunha
organização

POÉTICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

CLASS

POÉTICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

organização
Andrei Cunha
Cinara Ferreira

2020
CLASS

APOIO

Agradecemos o apoio indispensável do Instituto de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pró-Reitoria de Pesquisa e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2020 da edição:

Andrei Cunha
Cinara Ferreira

Copyright © 2020 dos capítulos:

Seus autores

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Antonio David Cattani
Daniela Pinheiro Machado Kern
Demetrius Ricco Ávila
Jéferson Assunção
Pedro Demenech

Projeto gráfico

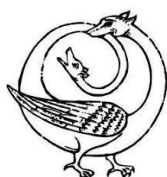
Roberto Schmitt-Prym

Capa

Andrei Cunha

Ilustração da capa

Paul Klee



Editora Bestiário
Rua Marquês do Pombal, 788/204
90540-000, Porto Alegre, RS
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223
www.bestiario.com.br

Revisora-chefe

Marianna Ilgenfritz Daudt

Equipe de revisão

Acevesmoreno Flores
Adriana da Silva
Ana Luiza Martins
Antônio Barros
Caroline Moura
Cláudia Caimi
Claudio Zanini
Denise Sales
Douglas Rosa
Eduarda Assunção
Eduarda De Carli
Elaine Indrusiak
Elizamari Becker
Gabriel Adam
Ian Alexander
Jéssica Pozzi
Karina Lucena
Leonardo Antunes
Liliam Ramos
Lis Yana Martinez
Lúcia Sá Rebello
Luciana Rassier
Márcia Moura
Rafael Brunhara
Rafael Guimarães
Rejane Pivetta
Rita Lenira Bittencourt

Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.).
Poéticas e internacionalização. Porto Alegre:
Bestiário / Class, 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

| | |
|-----------|---|
| P745 | Poéticas e internacionalização / organizado por Cinara Ferreira, Andrei Cunha. - Porto Alegre, RS : Class, 2020. 608 p. ; 21cm x 29,7cm. |
| | Inclui bibliografia e índice. ISBN: 978-65-991129-4-2 |
| | 1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Ferreira, Cinara. II. Cunha, Andrei. III. Título. |
| 2020-1401 | CDD 869.94 CDU 82-4(81) |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 2 |
| <i>Andrei dos Santos Cunha e Cinara Antunes Ferreira</i> | |
| PRIMEIRA PARTE: LITERATURA, DIPLOMACIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS | 6 |
| As marcas da carreira diplomática de Monteiro Lobato em sua escritura: vamos perguntar a Mr. Slang | 7 |
| <i>Elizamari Becker</i> | |
| A literatura soviética como instrumento de <i>soft power</i> | 18 |
| <i>Gabriel Adam</i> | |
| Do que estamos falando quando falamos da literatura de língua inglesa? | 31 |
| <i>Ian Alexander</i> | |
| Relações diplomáticas em <i>Olga</i>, narrativa de Fernando Morais, e reconstrução histórica | 40 |
| <i>Márcia Rohr Welter e Juracy Assmann Saraiva</i> | |
| <i>O Senhor Embaixador</i>: o intelectual engajado em contexto internacional | 52 |
| <i>Marianna Figueiró Klafke</i> | |
| <i>Catch-22</i> and political discourse: a field guide to unreliable narratives | 64 |
| <i>Rafael Conter</i> | |
| SEGUNDA PARTE: COSMOPOLITISMOS E CARTOGRAFIAS PÓS-NACIONAIS: MESCLAS TEXTUAIS / CORPOS-CORPUS EM TRÂNSITO / FAZERES TEÓRICOS-TRADUTÓRIOS-LITERÁRIOS-CULTURAIS | 72 |
| O olhar oitocentista e a pintura de paisagem de Caron: notas para uma poética da relação | 73 |
| <i>Ana Carla de Brito</i> | |
| A música em e a partir de <i>As intermitências da morte</i>, de José Saramago | 81 |
| <i>Cinara Ferreira e Carlos Walter Soares</i> | |
| Das Letras à Geografia, a possibilidade de uma fusão | 89 |
| <i>Cristiane Marques Machado e Maria Luiza Berwanger da Silva</i> | |
| Literaturas e nacionalidades na Rússia contemporânea | 102 |
| <i>Denise Regina de Sales</i> | |
| Migraaaantes e o cerceamento de todas as cercas ou o devir-minoritário de Matei Visniec frente à democracia assustada | 110 |
| <i>Diego Lock Farina</i> | |
| Contar para deslocar: espacialidades do lirismo crítico entre a poesia brasileira contemporânea e a literatura coreana | 119 |
| <i>Douglas Rosa da Silva e Melissa Rubio dos Santos</i> | |
| A voz de Sherazade: <i>O fogo será a tua casa</i>, de Nuno Camarneiro | 131 |
| <i>Gabriela Silva</i> | |

AS MARCAS DA CARREIRA DIPLOMÁTICA DE MONTEIRO LOBATO EM SUA ESCRITURA: VAMOS PERGUNTAR A MR. SLANG

*The effects of Monteiro Lobato's
diplomatic career in his oeuvre:
let Mr. Slang talk*

Elizamari Rodrigues Becker¹

Abstract: *Ambassador writers, who are believed to feed the national literatures they belong to with fiction clearly devoted to render their diplomatic experiences, are frequently found in the productive intersection line between Comparative Literature and International Affairs. Monteiro Lobato became known as a very productive and highly controversial writer, entrepreneur and socio-political influencer. His famous essay “Paranoia ou mistificação?” (1922) triggered a major contend with his contemporary modernist counterparts, a dispute which labeled him ‘reactionary’, despite the many indications in his oeuvre of a political agenda genuinely devoted to promote the Brazilian progress in relation to other nations — old and new — which had already had their economies propelled by iron and oil industries — the same oil whose extraction Lobato defended at the cost of his health and freedom. The book **Mister Slang e o Brasil** (1927), which is part of Monteiro Lobato’s adult oeuvre, builds and exposes, in fictional dialogue and under the impulses of the international affairs policies kept by the government which commissioned him, the opinions and the political-ideological beliefs of the Buquira writer on matters as complex as the progress and the sovereignty of Brazil. We believe that Lobato’s diplomatic experience as a commercial attache (1927-1931) for the General Consulate of Brazil in New York City, which took place during Washington Luís’ presidency, significantly influenced his writings, contributed to his title selection for translation and editorial projects and led him to create an intertextual net with the double apparition of a character in two of his books, Mr. Slang — to whom it was not enough to be the central character in **Mister Slang e o Brasil**, traveling to China in the end of that book, and surprisingly returning in a book of opinion essays about the American life entitled **América** (1931). It is through the amplified lenses of this foreigner — an experienced and traveled British citizen — that Lobato’s narrator tries to understand the core reasons for the problems of Brazil, asking him about governance, technology and innovation, industrialization, modernization and the like. The fictional direction of such dialogue is relatively congruent to the foreign perception of ambassadors and other mandataries involved in international affairs — the presupposed unbiased view of the external agent, of the observer who took a distance from the problem to see the whole in perspective, to see more clearly, to assess with impartiality, a perspective which is everything but uninterested, unattached (Almeida, 2016). This investigation aims at learning more about Lobato’s adult oeuvre in search for material intersections between Mr. Slang’s fictional voice and Lobato’s own voice, believed to be marked by his diplomatic ambitions and experiences.*

Keywords: *Monteiro Lobato; **Mister Slang e o Brasil**; America; literary career; diplomatic career; international affairs policies.*

¹ Doutora em Letras pela UFRGS (2006). Professora Associada junto ao Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. E-mail: <elizamari.rodrigues@ufrgs.br>.

Resumo: Na produtiva intersecção entre Literatura Comparada e Relações Internacionais, com frequência encontramos escritores-embaixadores que alimentam as literaturas nacionais com textos ficcionais claramente devotados a render suas experiências diplomáticas ao público leitor. Monteiro Lobato foi um escritor, empresário e articulador político bastante controverso. Seu artigo “Paranoia ou mistificação?” (1922) foi o estopim de suas contendas com os modernistas, contendas essas que lhe renderam o rótulo de reacionário, mas o conjunto de sua obra voltada para público adulto evidencia que sua pugna era dedicada a combater justamente o atraso de nosso país em relação a outras nações, novas e velhas, que já possuíam economias impulsionadas na velocidade do ferro e do “ouro negro” — o petróleo que Lobato tanto sonhou ver extraído no Brasil, ideal que lhe custou a liberdade e a saúde. O livro **Mister Slang e o Brasil** (1927), integrante do conjunto de obras da literatura adulta de Monteiro Lobato, constrói e expõe, em literatura dialogada, as opiniões e posicionamentos político-ideológicos do escritor do Buquira acerca de questões de desenvolvimento do Brasil e sob os impulsos das políticas de internacionalização do governo que o comissionou. Acredita-se que a experiência diplomática de Lobato como adido comercial (1927-1931) do consulado brasileiro na maior metrópole estadunidense, Nova Iorque, ocorrida durante o governo de Washington Luís, deixou marcas significativas nesse e em outros escritos seus, bem como definiu suas escolhas tradutórias e editoriais e o levou a criar uma espécie de rede intertextual com a aparição e reaparição de uma personagem, Mr. Slang, que não coube em um só livro, **Mister Slang e o Brasil**, e acabou querendo mais, viajando para a China no final daquele relato e reaparecendo de lá em um livro de ensaios e crônicas sobre a vida nos Estados Unidos, **América** (1931). É a partir do olhar desse estrangeiro que o narrador de Lobato busca compreender a problemática brasileira, com ele dialogando sobre governança, tecnologia e inovação, industrialização, modernização e sobre inúmeras outras temáticas congêneres. A ficcionalização a partir desse diálogo é relativamente congruente com o olhar estrangeiro e estrangeirizante desses mandatários-embaixadores, olhar dirigido pela pretensa isenção de quem vê de fora, de quem toma a distância requerida para ver o todo, para ver com clareza, para avaliar com imparcialidade, mas nunca totalmente desprovida de interesse, de apego (Almeida, 2016). Este estudo pretende, portanto, percorrer parte da literatura adulta de Lobato, procurando identificar possíveis encontros entre seu Mr. Slang com sua própria voz de experiência e carreira diplomáticas.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; **Mister Slang e o Brasil**; América; carreira literária; carreira diplomática; políticas de internacionalização.

INTRODUÇÃO

Antes mesmo de a breve carreira diplomática de Monteiro Lobato ter sido concretamente iniciada, já se havia instaurado em sua escritura um *locus* reflexivo que passou a integrar seu projeto literário e tornou o escritor brasileiro extremamente atento às questões de abertura para a exterioridade de sua nação e para a forma como projetava e via projetadas as contundentes diferenças sociais, culturais, políticas e econômicas havidas entre o Brasil e os países estrangeiros, sobretudo os industrializados. Isso porque Monteiro Lobato sonhava com um Brasil próspero e desenvolvido. Além de fazendeiro — proprietário da fazenda do Buquira —, foi também empresário — fundou a primeira editora do Brasil, a Monteiro Lobato e Cia., que chegou a ocupar a posição de maior parque gráfico da América Latina na década de 1920 e tornou possível editar, no Brasil, livros que antes eram publicados na Europa. Conforme argumenta Koshiyama,

para o setor editorial, Monteiro Lobato, empresário, editor e trabalhador intelectual, foi um pregador perseverante dos valores necessários para a produção de livros em uma economia de mercado — das ideias avalizadoras da lógica do capital. (KOSHIYAMA, 2006, p. 16)

Essa busca de Monteiro Lobato pela modernização do país passava pela transformação do cenário produtivo e econômico por meio da mecanização, da industrialização e do desenvolvimento tecnológico, aos moldes do que já se havia iniciado em países como os Estados Unidos e a Inglaterra.

Essa demanda talvez explique o método e o tom de dois de seus livros, em que Lobato engendra um discurso bastante pautado por uma construção nada sutil de verossimilhança em que dá voz a uma personagem estrangeira — o inglês Mr. Slang. Através da reflexão crítica dessa personagem, que avalia e contesta os modos e os meios pelos quais o Brasil vinha buscando desenvolvimento — e que, segundo Mr. Slang, fazia-o com desconcertante timidez —, constrói-se, em **Mr. Slang e o Brasil** e depois em **América**, todo um discurso de rejeição às lentes arcaicas, ruralistas e burocráticas que organizavam o país naquele início do século XX. Apesar da compreensível manutenção das ideias de unidade nacional como forma de garantia, entre outras coisas, das fronteiras, da soberania e da riqueza, até recentemente ameaçadas por revoltas internas e tentativas de invasões externas, seus textos também enfatizam as diversas identidades do país, a sua multiplicidade de culturas e as localizadas demandas sociais do Brasil de sua época e buscam, nas experiências de nações mais desenvolvidas, conhecimento sobre políticas, inovações e novos modos de produção que possam ser implementados no Brasil.

Nesse sentido, as relações internacionais sempre estiveram na agenda de Monteiro Lobato, e chegou um momento em que consumir a literatura alheia, esmiuçá-la, traduzi-la e dá-la ao público leitor do Brasil deixou de ser a única estratégia do escritor para dar a seu público a correta dimensão do progresso de nações como os Estados Unidos. E assim, da mesma forma que o movimento da escrita diplomática se pauta pela desterritorialização, Monteiro Lobato “desterritorializou-se” — ficcionalmente, na voz de uma personagem estrangeira, Mr. Slang, e geograficamente, por meio da delegação da função de adido comercial na cidade de Nova Iorque. A materialidade das experiências de internacionalização de uma breve carreira diplomática deu à obra de Monteiro Lobato, sobretudo a dois de seus livros, **Mr. Slang e o Brasil** e **América**, contornos muito expressivos de uma militância progressista que nem sempre era vista por seus pares como coerente com os rótulos com que tentaram classificar o pai da Emília, que era regionalista para alguns e pré-modernista para outros.

Não se pode dizer que o discurso de Monteiro Lobato foi incontroverso. Pelo contrário, era um discurso de não poucas dualidades — buscava soluções no exemplo estrangeiro e, ao mesmo tempo, defendia que era preciso encontrar *seu próprio nariz* e fazer as coisas de um jeito próprio. Essa ideia é a que defende quando fala sobre estilo em carta de 16 de janeiro de 1915 dirigida a Godofredo Rangel:

Estilo é como o nariz na cara: cada qual o tem como Deus o fez e não há dois iguais. A miragem está nisto: a gente procura, por efeito de mil influências, aperfeiçoar o estilo — aperfeiçoar o nariz. No entendimento dessa *perfeição* é que nos transviamos. Há a estrada real, ampla, macadamizada, frequentadíssima, e há as picadas que podemos abrir marginalmente no matagal capotado. (LOBATO, 2010, p. 296)

Essa visão sobre estilo revela sua percepção de que a realidade do velho mundo europeu não se enquadrava na nossa realidade tropical. Isso resulta que Lobato, inovador nas questões do comércio, dos serviços e da produção industrial, mostrava-se reservadíssimo às inovações artísticas, postura que expressou em seu polêmico artigo “Paranoia ou mistificação”, originalmente publicado sob o título “A Propósito da Exposição Malfatti” (**Estado de São Paulo**, em 20 de dezembro de 1917). No artigo, ele criticava a segunda exposição individual de Anita Malfatti, quase cinco anos antes da Semana de Arte Moderna:

Percebe-se de qualquer daqueles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem-número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e *tutti quanti* não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma - caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma ideia cômica, mas sim desnortear, apavorar o espectador. [...] certos críticos sobretudo, aproveitam a vaza para *épater les bourgeois*. Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrório técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o

público é uma cavalgada e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta. [...] Na exposição Malfatti figura ainda como justificativa da sua escola o trabalho de um mestre americano, o cubista Bolynson. É um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o diz) uma figura em movimento. Está ali entre os trabalhos da Sra. Malfatti em atitude de quem diz: eu sou o ideal, sou a obra-prima, julgue o público do resto tomando-me a mim como ponto de referência. Tenhamos coragem de não ser pedante: aqueles gatafunhos não são uma figura em movimento; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O Sr. Bolynson tomou-o entre os dedos das mãos ou dos pés, fechou os olhos, e fê-lo passar na tela às pontas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se não o fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puxando riscos de um lado para o outro, revelou-se tolo e perdeu tempo, visto como o resultado foi absolutamente o mesmo. Já em Paris se fez uma curiosa experiência: ataram uma brocha na cauda de um burro e puseram-no traseiro voltado numa tela. Com os movimentos da cauda do animal a brocha ia borrando a tela. A coisa fantasmagórica resultante foi exposta como um supremo arrojo da escola cubista, e proclama pelos misticadores como verdadeira obra-prima que só um ou outro raríssimo espírito de eleição poderia compreender. Resultado: o público afluíu, embasbacou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes à tela quando o truque foi desmascarado. (LOBATO, 1951d, p. 61-63)

Toda essa profusão de opiniões sobre a obra da pintora, que ele chamou de “quadrinhos”, e sobre o cubismo e o modernismo arregimentou um grupo de artistas desses movimentos artísticos contra Monteiro Lobato, polêmica que rendeu muitas manifestações nos jornais da época por muitos anos e que não temos espaço aqui para desenvolver sem nos desviarmos de nosso assunto central.

A EXPERIÊNCIA COMO ADIDO COMERCIAL NOS ESTADOS UNIDOS

Antes de ser nomeado adido comercial por Washington Luís e de se transladar com toda a família para Nova Iorque em 1927, Monteiro Lobato empreendeu, prosperou e faliu no Brasil. Seu **Reinações de Narizinho**, publicado em 1921 e que teve 60 mil exemplares vendidos em 9 meses e, pouco depois disso, milhares de cópias compradas pela Secretaria de Educação do Estado de S. Paulo (HOHLFELDT, 1983, p. 107), foi a obra que o posicionou no centro da indústria editorial, mas Monteiro Lobato já era um literato bastante reputado nessa época. Sua editora, a Monteiro Lobato & Cia, mais tarde transformada em uma empresa de capital aberto, chegou a ser o maior parque gráfico da América Latina na primeira metade da década de 1920, mas a falência veio em 1925 após uma sucessão de dificuldades, como paralisações por falta de fornecimento de energia elétrica e dívidas acumuladas, muitas das quais devidas ao maquinário importado e às custas de novas instalações (vide “Livros, um excelente negócio”, In AZEVEDO, 2000, p. 61-76).

Depois da falência da Monteiro Lobato & Cia, ele comprou a massa falida e, junto com Otales Marcondes Ferreira, abriu a Companhia Editora Nacional e continuou com seus projetos editoriais. Nesse período, escreveu **Mr. Slang e o Brasil**, que seria publicado às vésperas de sua partida para Nova Iorque, onde permaneceu até 1931. Durante o período em que lá permaneceu, escreveu e publicou nove histórias infantis — **O Marquês de Rabicó**, **Aventuras do Príncipe**, **A Caçada da Onça**, **O Gato Félix**, **O Noivado de Narizinho**, **O Circo de Escavalinho**, **A Pena do Pagagaio**, **O Pó de Pirlimpimpim**, **As Caçadas de Pedrinho** — e reorganizou **Reinações de Narizinho** para nova reedição, que passou a ser intitulado de **Novas Reinações de Narizinho** e que sofreu revisão textual e cortes de passagens (mudez da Emília e a cura pelo Dr. Caramujo, o Escorpião Negro é substituído pela D. Carochinha, a chegada de Pedrinho no Sítio é anunciada pela primeira vez, etc. — depois disso, o livro já alcançou mais de 30 edições). A nova edição alcançou uma unidade para a obra — unidade temática, de personagens e de tom. A estada de Monteiro Lobato no exterior só acentuou sua produção literária e ainda lhe rendeu material para a escritura de **América**, que publicou no ano de sua volta ao Brasil, em 1931.

Sabemos pouco sobre como se deu a nomeação de Monteiro Lobato como adido comercial. Muitas dessas informações provêm das cartas escritas ao amigo Godofredo Rangel, que foram publicadas em **A Barca de Gleyre**. A primeira referência a ela data de 27 de março de 1927:

A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado adido comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das raças* e estudarei a hipótese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á Tupy Publishing Co. e há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos milionários — editores e editados. O Brasil é uma coisa perrenque demais para os planos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda vida lêndeads; lá virarão piolhos do tamanho de iguanodontes. O cargo assegura-me subsistência e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensá-lo e ficar apenas o chefe da Tupy Co. (LOBATO, 2010, p. 520)

Apesar dos planos de permanecer por apenas dois anos no cargo, Monteiro Lobato nele se deixou estar por mais de quatro. Demorou alguns meses depois de sua chegada para dirigir nova carta a Rangel, ocupado com as novas atividades e com as rotinas de instalação na metrópole estadunidense. Em 17 de agosto de 1927, não escondia seu contentamento com o que encontrara nos Estados Unidos:

Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Gapole! Futuro! Ninguém andando de costas! [...] todos os bichos aqui são gente — cães, gatos, esquilos. E há hospitais para os bichinhos como não os há aí para os jecas. [...] Rangel, eu sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882, quando nasci, e só agora caio nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei. E a pátria aí me custeia com 700 dólares por mês. Hei de devolver esse dinheiro com juros fabulosos. Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil. Estou em carteação com Mister W. H. Smith, de Detroit, sobre um novo processo siderúrgico, perfeitamente *fit* às condições carbônicas do Brasil. (LOBATO, 2010, p. 521)

Nesse planejamento de ir a Detroit para conhecer o tal processo siderúrgico, Lobato incluía em seu roteiro uma visita à Ford, a qual já havia iniciado laços por meio de seus serviços tradutórios² de dois livros — um deles autobiográfico — de seu fundador, Henry Ford, e de uma série de artigos sobre Ford intitulada “*How Ford is regarded in Brazil*”, traduzidos para o inglês por Aubrey Stuart e publicados em **O Jornal**:

Como você sabe, fui o tradutor do Ford no Brasil, e ao chegar a New York, quem encontro no cais de Hoboken? O agente geral da Ford em New York. Abordou-me, deu cartão e disse que tinha ordem de Mister Ford para receber-me e facilitar-me tudo. [...] O agente encarregou-se de tudo. Levou-me para o hotel numa Lincoln e guardou meus caixões no depósito da companhia até que eu alugasse este apartamento. Tome nota: 205 — 24th Street — Jackson Heights, I. I. — New York City — USA. (LOBATO, 2010, p. 522)

Na carta datada de 5 de setembro daquele mesmo ano, mais uma vez tenta exprimir suas impressões do país onde se encontrava adido:

Isto é tão imenso, tão desmarcado, tão fora de proporções com o nosso mundinho aí, que é tolice querer dar uma ideia. Teatros, beleza feminina... os arranha-céus... o orçamento da cidade... o perpétuo Amazonas de automóveis... (LOBATO, 2010, p. 523)

Quanto a suas pretensões literárias de publicação de seu romance **O choque das raças**³, as coisas não aconteceram como o esperado, conforme se lê na carta de mesma data:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo que eles linchavam os negros. Os originais estão com o Isaac Goldberg, para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company!... (LOBATO, 2010, p. 523-524)

² FORD, Henry. **Minha vida e minha obra**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1926. FORD, Henry. **Hoje e amanhã**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1927.

³ Mais tarde publicado sob o título de **O Presidente Negro ou O choque das Raças: romance americano do ano 2228**.

Esse é o mesmo romance *americano e publicável* nos Estados Unidos que ele dizia a Rangel estar gestando dois anos antes, em carta de 8 de julho de 1926:

Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes deem pela coisa.

Já tenho um tradutor, o Stuart, e em Nova Iorque um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa percentagem no negócio. Imagine se me sai um *best seller*! (LOBATO, 2010, p. 514)

Uma por uma, todas as tentativas de publicação de **O choque** nos Estados Unidos fracassaram. Os editores americanos acharam o livro polêmico demais, irônico demais e perigosamente eugenista; mal sabiam eles que de um eugenismo aparentado com aquele que menos de duas décadas depois amanharia os perversos planos do hitlerismo. O fato é que, verdade seja dita, o “porviroscópio” nada politicamente correto do único romance adulto de Monteiro Lobato tinha um tom profético meio assustador. E nele vimos um candidato negro e uma candidata mulher concorrendo à Casa Branca, coisa que só se concretizou em 2008. Em seu livro também encontramos referências a tecnologias de computador e internet, ao sistema de trabalho em regime *home office* e a práticas como as férias conjugais serem descritos com relativa precisão. Os editores da Brasiliense, em seu prefácio à edição de 1951, escreveram que Monteiro Lobato, quando confrontado com a revisão de seu livro para reedição, afirmou:

Nada tenho a alterar no “Choque das raças”. A América que lá pinteí está absolutamente de acordo com a América (Estados Unidos) que fui encontrar. (Monteiro Lobato, 1951c, p. VIII)

E a vida no ritmo da metrópole mais agitada do mundo seguiu e, com ela, Lobato, que só voltou a dirigir carta ao amigo Godofredo Rangel quase um ano depois, em 17 de agosto de 1928, explicando que Nova Iorque era difícil de explicar em palavras, que era uma cidade que “só vendo”:

O *rush* deste país rumo ao futuro é um fenômeno, Rangel! Quando escrevi O choque, pus entre as maravilhas do futuro a televisão. Pois já é realidade. O *Times* de hoje anuncia que a estação WCFW vai inaugurar comercialmente a irradiação de imagens. O sonho que localizei em séculos futuros encontro realizado aqui.

A primeira vítima da televisão vai ser a velha e boa Saudade, que no fundo é filha da Lentidão e da falta de Transportes. A saudade desaparecerá do mundo (Pobres poetas! Dia a dia vão perdendo as cocadas da sua quitandinha.) Porque a saudade vem de não podermos ver e ouvir a pessoa querida que está longe ou já morreu. Mas o rádio e a televisão destroem o longe. Em breve futuro a palavra “longe” se tornará arcaísmo. (LOBATO, 2010, p. 527-528)

Nessa mesma carta de agosto de 1928, refere ter feito visita à Ford e à General Motors, almoçado com Edsel Ford e não ter visto o velho Ford, que estava na Escócia naquela ocasião. Aproveitou a visita para aprender sobre os processos de produção industrial de um dos setores que mais dependia da indústria metalúrgica daquele país. Na carta seguinte, datada de 28 de novembro de 1928, afirma que se entusiasma mais falando com os metalúrgicos do que com os literatos, que descobriu que sua verdadeira vocação é a metalurgia. E dá uma aula a Rangel sobre o ferro e seu processamento no *sponge iron*:

Estamos com uma empresa em organização no Rio para ferrar o Brasil, isto é: para produzir ferro pelo maravilhoso processo de Mister Smith, e com esse ferro construir as máquinas e instrumentos por falta dos quais ainda vagamos no “berço do atraso”, como diria o Macuco. (LOBATO, 2010, p. 530-531)

Também conta um pouco sobre a vida agitada que leva nos Estados Unidos e descreve seu escritório:

Meu escritório é na *Battery Place*, a praça à beira d'água onde esta cidade começou, e chama-se assim porque foi onde os holandeses de Manhattan armaram uma bateria para se resguardarem dos índios. Como aquela fortaleza da Bertioiga que o “coronel” Tomé de Souza construiu para a defesa contra os tupinambás e onde esteve como artilheiro o Hans Staden. Pois é onde tenho o meu escritório. Das janelas vejo a pequena praça mal ajardinada, com bancos, com o Aquário num extremo — um aquário cheio de focas que latem como cachorro e onde fui conhecer a piranha do Brasil. Depois, o cais e a água, e a estátua da Liberdade, pequenina lá longe. (LOBATO, 2010, p. 531)

E a vida novaiorquina de Lobato ficou ainda mais agitada, a tal ponto que só enviou outra carta em junho de 1929, e essa foi a única carta daquele ano para Rangel. Parece pouca coisa, mas vem recheada de revelações sobre as políticas de internacionalização do Brasil, com o relato sobre um episódio relativo à Miss Brasil e a um concurso de beleza de que a moça teria participado, evento que rendeu grande repercussão na mídia impressa do Brasil daquele ano e que Lobato chama de “vergonhosa mistificação”:

Tudo é armado nos telegramas que o nosso cônsul e mais uns gatos pingados da colônia inventam para assombro do indígena *down there*. [...] as “festas”, é só nos telegramas que as folhas daí publicam. Tenho-os lido e coro de vergonha. Nunca supus que fosse possível mentir com tamanho descaro — e com tanto sucesso *down there*.

A verdade é esta. Miss Brasil, coitadinha, passou absolutamente despercebida aqui — nem podia ser de outro modo, imensa como é New York e indiferente a tudo que não seja Lindberg, Dampsey e Babe Ruth. O tal concurso de beleza de Galveston ninguém aqui sabe que existe, porque nenhum jornal trata do assunto — é coisinha local, municipal, lá de Gaveston, que também ninguém sabe onde é. É *somewhere*. Foi com dificuldade que consegui saber o resultado desse concurso, onde a pobre menina foi desclassificada, não obtendo nenhum dos onze lugares. O fato é esse. O mais é cônsul Sampaio e *reporters* vindos daí. Mas pelos jornais há de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indígena. Manipulação pura! (LOBATO, 2010, p. 532-533)

Sua reiterada tese, construída, desenvolvida e defendida em **Mr. Slang e o Brasil**, de que o povo brasileiro não tem opinião própria e busca construí-la através da leitura massificadora dos jornais, é reforçada e confirmada nessa mesma carta, com referência a um jornal de prestígio da época:

Senti arrepios, Rangel, quando vi **O Estado de S. Paulo**, com toda a sua velha gravidade, consagrar páginas inteiras de telegramas e comentários a uma coisa inexistente e que aqui manipulam numa sala contígua à minha. [...] Cheguei a interpelar um dos autores. “Isso é uma infâmia, Fulano. Não se abusa assim da boa-fé de todo um povo.” Sabe o que me respondeu? “Ninguém lá percebe nada, Lobato. Aquilo é um povo de sarambés.” (LOBATO, 2010, p. 533)

Contou ainda outra farsa construída em telegramas pelo cônsul Sampaio⁴ sobre um médico brasileiro que supostamente seria homenageado por centenas de cientistas em Chicago ou na Filadélfia — Lobato não se lembrava muito bem onde seria o tal evento. Com isso, desmascarava a diplomacia brasileira, que elevava a potências inexistentes a imagem projetada do Brasil nos Estados Unidos e borrava os limites entre o relato jornalístico e o ficcional, romanceando episódios que, segundo ele, nem sequer apareciam nos jornais estadunidenses da época. E foi assim que Lobato manchou a reputação do cônsul em uma missiva que deixou de ser íntima quando foi publicada em **A Barca de Gleyre** alguns anos mais tarde.

A última carta de solo estadunidense escrita a Rangel, datada de 26 de junho de 1930, registrava um Monteiro Lobato fatigado pelas atividades de seu cargo. Nela, noticia que “estava em vésperas de ressuscitar literariamente” porque passava por dificuldades financeiras depois de ter perdido milhares de dólares na bolsa de valores. Reclama da falta de continuidade de sua carreira

⁴ O Consulado-Geral do Brasil em Nova Iorque estava a cargo de Sebastião Sampaio. Sua extensa experiência diplomática e jornalística está registrada em seu perfil, mantido no site do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi membro, e disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ssampaio.html>>.

literária, que via prejudicada pela carreira burocrática que levava, e diz sentir-se expatriado do que ele chama de “nosso mundinho afro-latino”. Explica que suas leituras em língua portuguesa cessaram e que só lê em inglês:

Meus jornais matutinos são o *Time* e o *Sun*. Minha *Revista do Brasil* é o *American Mercury*, com o tremendíssimo Henry Mencken lá dentro. Meus autores: esse Mencken, O’Neil e tantos outros cujos nomes nada te dizem. Meus homens do rádio são o Amos and Andy, o Floyd Gibbons e não sei quem mais. Meu enlevo é a risada *by air* de Julia Sandersen. (LOBATO, 2010, p. 536)

Nessa mesma carta, afirma que já não conhece o gosto literário dos adultos de sua pátria e comunica que retomará a literatura infantil, pois acredita que o gosto infantil não muda nunca, posto que é igual em todos os lugares e gerações, feito de “imaginação e fisiologia”. Conta também que tinha acabado de adaptar o *Robinson Crusoe* a pedido de Otales. E esses dois últimos anos que esteve em Nova Iorque foram-lhe bastante produtivos para sua literatura infantil, como já referimos anteriormente. Essa foi a última carta escrita a Rangel antes de seu retorno ao Brasil, ocorrido na segunda metade de 1931.

MR. SLANG, MAIS DO QUE UM SIMPLES OBSERVADOR ESTRANGEIRO

Antonio Hohlfeldt, em seu “Comparando Lobato com Lobato” (1983, p. 108), afirma que

na filosofia progressista-burguesa-elitista de Lobato, que reconhece ser importante a clarividência das elites na condução da massa, desde que essa não se sinta como tal conduzida, coloca-se com enorme importância o discurso dialógico, isto é, o antigo processo socrático da maiêutica. É por isso que toda a narrativa do Sítio do Pica-Pau Amarelo pressupõe diálogo.

Hohlfeldt vê essa maiêutica⁵ como uma instrumentalização da técnica do diálogo como aparência de democracia. Nas histórias do Sítio, é comum que um narrador defenda uma ideia e seus interlocutores a contestem livremente — quase na forma de um debate. Nesses debates, a lógica sempre vence, normalmente revelada pelo narrador mais forte ou mais experiente, mais sábio ou mais no controle de suas emoções, como é o caso de D. Benta, de Tia Anastácia e do Visconde de Sabugosa.

Lígia Miltz da Costa, em seu artigo “Uma obra polêmica e dialógica” (1983, p. 59), afirma que Lobato lutou pelo progresso social e mental do povo brasileiro, e que seu tom didático e até um pouco doutrinador o coloca em uma posição bastante diferente dos modernistas seus contemporâneos. Apesar de questionador sobre os problemas do Brasil e propositor de soluções pouco convencionais, mostrou-se capaz, na sua trajetória de vida e de empreendedorismo, de reconfigurar seus pontos de vista, como ocorreu com seu Jéca Tatu, do *Urupês* de 1914, que veio a se tornar *Zé Brasil* em 1947, breve texto de tom folhetinesco que redimia o Jéca de culpa pelo atraso e o posicionava como vítima de um sistema social e político injusto. O livro criticava os latifúndios, recomendava Luís Carlos Prestes como um verdadeiro herói, por ter passado 9 anos no cárcere, e advogava por uma reforma agrária em que os lavradores se tornassem donos de seus sítios.

O leitor que travar conhecimento com algumas das obras de Monteiro Lobato não demorará a perceber o tom altamente persuasivo, esquemático e até didático de algumas delas, como é o caso dos dois livros que formam o corpus primário deste estudo — *Mr. Slang e o Brasil e América*.

Em *Mr. Slang e o Brasil*, a ambientação sempre é construída nas visitas que o narrador faz a Mr. Slang em sua casa no Rio de Janeiro, normalmente em meio a imensas partidas de xadrez. O diálogo é sempre bastante conduzido por Mr. Slang, que muda de assunto quando lhe convém, pega no sono ou se distrai com alguma paisagem. O livro é dividido em partes numeradas e os debates

⁵ Prática filosófica desenvolvida por Sócrates em que, por meio de perguntas sobre determinado assunto, o interlocutor é levado a descobrir a verdade sobre algo.

giram em torno da observação de Mr. Slang das coisas nacionais, sobre as quais tem sempre uma opinião formada.

Foi elencado por Paulo Roberto de Almeida⁶ entre dez livros recomendados que tratam da problemática brasileira e por ele descrito como:

um pequeno opúsculo perdido no meio da imensa obra — infantil e adulta — do mais célebre publicista da primeira República e da era Vargas, o homem que prenunciou um presidente negro nos Estados Unidos (não exatamente num sentido “progressista”), que lutou pelo “petróleo é nosso” (mas não com o nacionalismo obtuso dos realizadores do slogan), e que sempre afirmou que um país “se faz com homens e livros” (uma frase talvez oportunista, uma vez que foi editor durante boa parte da sua vida). Todo o livro trata dos problemas do Brasil, tal como existiam nos anos 1920, e que parecem ter continuidade nos dias que correm. Como diria Nelson Rodrigues, o subdesenvolvimento não se improvisa. (ALMEIDA, 2016, s/p)

Em “I - Da balbúrdia de ideias”, Mr. Slang, ao opinar sobre a questão da estabilização da moeda, critica os jornais e o processo de formação da opinião pública, afirmando que a opinião dos jornais é bastante instável e que não há verdade nos artigos porque o público leitor não se interessa pela verdade, que ele compara a uma “pobre dama nua que mora no poço”. Segundo o enxadrista inglês, falta ao público leitor brasileiro o exercício de ter ideias próprias.

Em “II — Da maçaroca”, continuam, o narrador e Mr. Slang, a debater sobre a iminente estabilização da moeda que o governo estava por efetuar. Mr. Slang, bastante pessimista com a estabilização, diz que a única coisa que o país estabilizou é a carestia, sugere que o ministro da fazenda seja um simples caixeiro e chama Manoel (caixeiro do armazém) para explicar questões financeiras, econômicas e monetárias, tentando provar que a resolução dos problemas do Brasil é mais simples do que os burocratas tentam fazer parecer.

Em “III — De outras opiniões do Manoel”, a tese de que a estabilização da moeda deve ser simplificada vem exemplificada em uma relação com pesos e medidas. Mr. Slang explica a questão do lastro para a emissão de moeda e de títulos, tendo o ouro como garantia para a primeira e o não endividamento para o segundo. Para ele, “procurador sem procuração não é procurador”, e os governos que não oferecem lastro para sua moeda ou para as notas de seu tesouro não passam de vigaristas.

Em “IV — Do cruzeiro e outras miudezas”, Mr. Slang ensina que a estabilidade da moeda é do interesse de todos; que os únicos que estão interessados na instabilidade são especuladores, banqueiros ou cambistas, que sempre se favorecem com a impontualidade, com a inadimplência, com a falência, porque arrecadam com isso. Segundo Mr. Slang, o governo precisa da estabilidade para fazer com que a economia cresça. Mr. Slang dá o exemplo da sucessiva mudança de casas, dizendo que quem muda de casa mais de 3 vezes é o mesmo que suceder a essa casa um incêndio — as despesas só se avolumam. O mesmo ocorre com a moeda que muda de nome e se desestabiliza. Mas para Mr. Slang só a estabilidade da moeda não fará milagres — é preciso prosperar com o aumento da produtividade e com a vinda do capital estrangeiro sob outras condições mais estáveis, que não seja por favor de um governo que deve dinheiro a bancos estrangeiros e que seja de capital estrangeiro, que queira ficar no país por tempo mais estável e, para isso, seria preciso que houvesse uma política econômica internacional.

Em “V — Do carpinteiro de Southdown”, discute-se a vinda de imigrantes e a fuga de capital estrangeiro. Mr. Slang explica por que os Estados Unidos e a Argentina prosperam com o capital estrangeiro: “Capital procura negócios, não casa de jogos” (p. 28-29). Sobre o capital estrangeiro que já está no Brasil, afirma que “[é] mínimo, é zero diante do que podia ser e diante das necessidades do país. E o que veio, ou veio garantido por leis especiais ou veio para empréstimos ao governo, caso muito diferente.” (p. 28) Sobre as altas remunerações, discute sobre a “remuneração em papel, convertida em ouro, oscila de tal maneira que até um simples empréstimo hipotecário se transforma

⁶ Foi ministro-conselheiro na Embaixada do Brasil em Washington (1999–2003). Trabalhou entre 2003 e 2007 como Assessor Especial no Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

em jogo de roleta” [e endividamento]. (p. 29) e todas essas coisas “só afugentam o investidor estrangeiro” (p. 29-30).

Sobre o governo de Washington Luís, no capítulo “VI — Do período ciclônico”, Mr. Slang o define como alguém que foi “escolhido como síndico de uma grande massa falida. Como nunca funcionou de síndico, temos que aguardar seus atos antes de julgá-lo” (p. 34).

Ainda sobre relações internacionais e questões de soberania e segurança nacional, há no livro uma “Nota final” em que a discussão entre os dois debatedores se centra na situação da marinha brasileira e na manutenção caríssima dos couraçados, em que Mr. Slang conclui que, diante da falta de investimento do governo brasileiro, o avião seria a solução mais viável para um país que, como o Brasil, não tinha metalurgia própria. No fim do livro, Mr. Slang parte para a China, curioso para observar como combatia a índole parasitária do ser humano.

Em suma, o livro **Mr. Slang e o Brasil** refere inúmeras vezes que ao Brasil falta um inventário de coisas além da estabilização da moeda: infraestrutura, consciência moral, justiça, opinião pública própria, voto obrigatório e secreto, entre outras coisas. Mas a questão da estabilização da moeda é um assunto que sempre volta a ser debatido e que parece ser uma ideia fixa do próprio Lobato, que atribuiu a falência de sua primeira editora à instabilidade monetária do país.

No livro **América**, publicado pela primeira vez em 1931, o núcleo temático gira em torno do enaltecimento dos Estados Unidos, de seu progresso e de sua organização política e social. Exploração mineral e petrolífera, abertura de estradas, criação de um sistema de transporte público eficiente, mecanização da lavoura, metalurgia de ponta são algumas das virtudes econômicas apontadas no livro como sugestivas da prosperidade daquela nação. Valorização da mulher, respeito aos animais de estimação, grande capacidade de trabalho e organização são algumas das virtudes sociais.

Nesse livro, o narrador reencontra Mr. Slang nas ruas de Nova Iorque alguns anos mais tarde e o debate sobre os problemas do Brasil se reinicia, só que desta vez em comparação com a desenvolvida nação da América do Norte. Como em **Mr. Slang e o Brasil**, o narrador é o mesmo brasileiro um tanto submisso e até mal informado, mas que tem as melhores intenções. Sua afinidade com Mr. Slang e admiração pela experiência, bom senso e conhecimento de mundo do inglês conferem a este último uma autoridade talvez excessiva. O livro possui um prefácio, em que o narrador traça o perfil de Mr. Slang, reconhecendo seu tom profético e visionário, dizendo que, quando o conheceu, ele tinha vindo ver a crise Bernardes e que não tinha sido deportado, mas que se tinha ido por conta própria.

O debate em **América**, dividido em 36 capítulos, é retomado entre as duas personagens como se nunca tivesse cessado, só que em **América** vem ambientado em solo estadunidense e as personagens excursionam por diversos lugares. Todos os temas debatidos em **Mr. Slang e o Brasil** são aos poucos retomados, só que em comparação com a cultura, com a língua e com o sistema estadunidense (que para ambos os debatedores parece modelar) como contraponto. Lobato, que foi um colaborador incansável da imprensa escrita, continua a dar voz a seu personagem inglês para criticar a apatia dos leitores dos jornais brasileiros e como o distanciamento da formação de uma opinião pública constituía um dos motivos para o atraso do Brasil.

Outra mudança visível é a matemática financeira de Mr. Slang, que se aprimorou do primeiro para esse segundo livro. As experiências de Monteiro Lobato com o mercado financeiro dos Estados Unidos, com as especulações na Bolsa de Nova Iorque, com seus ganhos e suas perdas marcaram o discurso de Mr. Slang, que agora não brinca mais com a matemática do simplório caixeiro, mas com o jargão do investidor mais arrojado, como vemos no capítulo XXXIII, em que o narrador noticia a quebra da Bolsa de Nova Iorque, ocorrida conforme a previsão de crise feita por Mr. Slang, e discorre sobre como se pode ganhar no mercado financeiro mesmo em um cenário de queda brusca dos valores dos ativos através de um comportamento *bear* de investimento, em vez do tradicional *bull* (LOBATO, 1951a, p. 265-271).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que tudo indica, Monteiro Lobato saiu profundamente mudado da experiência como adido comercial junto ao consulado do Brasil em Nova Iorque. Queria ver o Brasil progredindo também, embora fosse bastante consciente das diferenças entre os dois países — sobretudo no que dizia respeito a seus governos e cidadãos. Ganhou experiência e confiança para voltar ao Brasil e iniciar uma militante propaganda desenvolvimentista pela extração do petróleo e do ferro e pela criação de um parque siderúrgico forte no país. Mas essa é uma outra história, ocorrida nos quinze anos que sucederam seu retorno dos Estados Unidos e que custou ao escritor muita coisa, como sua liberdade, por exemplo, quando foi preso em 1941, durante o governo Vargas da II República. A condenação, que era de seis meses mas acabou sendo reduzida por Vargas para dois, foi resultado de cartas ao Conselho Nacional de Energia e a Vargas, acusando-os de estarem protegendo interesses estrangeiros e de dificultarem a extração de petróleo às empresas nacionais com exigências infundadas e burocracias.

Há também uma outra relação internacional mediada por Monteiro Lobato — aquela estabelecida com a Argentina, onde inclusive chegou a permanecer por cerca de um ano (entre 1946 e 1947). Com a Argentina, estabeleceu um profundo intercâmbio cultural e literário desde o início da década de 1920, tendo várias de suas obras publicadas em espanhol, realização que jamais teve nos Estados Unidos da América, onde só viu três de seus contos publicados em um desprezível volume de uma coleçãozinha de bolso intitulada *Little Blue Books*⁷.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Dez obras para melhor entender os problemas do Brasil, *Spotniks*, Brasília, jun., 2016. Disponível em: <<http://spotniks.com/dez-obras-que-voce-precisa-ler-para-entender-melhor-os-problemas-do-brasil/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. **Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- COSTA, Lígia Militz da. Uma obra polêmica e dialógica. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 59-66.
- HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 106-110.
- KOSHIYAMA, Alice Mitka. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **América**. São Paulo: Brasiliense, 1951a.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **Barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **Mister Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1951b.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **O Presidente Negro ou O Choque das Raças: Romance Americano do Ano 2228**. São Paulo: Brasiliense, 1951c.
- LOBATO, José Bento Monteiro. Paranoia ou mistificação? In: **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1951d.

⁷ LOBATO, Monteiro. *Brazilian short stories*. Little Blue Books. N. 733. 1924. Nesse pequeno volume, publicou-se três contos traduzidos para o inglês: “*Modern Treasure*”, “*The Penitent Wag*” e “*The Plantation Buyer*”. O volume recebeu introdução escrita por Isaac Goldberg.